

## A HOMEOPATIA, O MANA E A RATIO HERMÉTICA

*Silvia Miguel de Paula Peres*

### **Introdução**

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado que discute a complexidade do adoecer humano através das relações entre o pensamento homeopático e o pensamento analógico (mágico), na cidade de Piracicaba, interior paulista. Inserida como uma especialidade da medicina biomédica<sup>1</sup> quanto ao seu aspecto formal, a Homeopatia, no entanto, se pauta por mecanismos analógicos para interpretar tanto as enfermidades quanto os sofrimentos do homem. Ela pensa as doenças privilegiando as relações tecidas no mundo natural, social e cosmológico. O corpo adoecido é visto como localidade em que se expressa um conjunto de relações que o transcendem, relativizando a dimensão biológica como dominante sobre a cultural.

Este trabalho foi realizado na cidade de Piracicaba, por ser uma cidade em que a Homeopatia se encontra em plena expansão, tanto em relação ao número de médicos, quanto à adesão dos clientes. Esta cidade possui alguns aspectos que contribuem para tal expansão, como por exemplo, a característica de ser a única cidade do interior paulista que possui um Instituto de Homeopatia e uma sede regional da Associação Paulista de Homeopatia, que oferecem cursos de pós-graduação para médicos, cirurgiões dentistas e veterinários, abrindo espaço para maior divulgação do pensamento e da prática terapêutica a profissionais da saúde humana e animal. Além disto, a proximidade que existe entre Piracicaba e os grandes centros urbanos, como Campinas e São Paulo, possibilita um circuito de informações ligadas aos acontecimentos nesta área, assim como às novas descobertas em Homeopatia.

### **Objetivo**

O objetivo desta pesquisa foi, por meio das diferentes maneiras de diagnosticar e tratar as patologias na medicina biomédica e na Homeopatia, buscar reconstruir a cultura como um macro campo cognitivo, isto é, como linguagem de saberes e como emergência de complexidades, em que os diversos saberes sobre saúde se cruzam, se tangenciam, se complementam, se opõem, mas não são construídos partindo necessariamente das mesmas realidades.

Num momento de crise sócio-econômica no país por um lado, num momento de busca pela transcendência ao modelo biomédico por outro, vemos que está criado um espaço favorável para a expansão de saberes alternativos, sendo que a Homeopatia e a Acupuntura já se encontram reconhecidas institucionalmente pela AMB (Associação Médica Brasileira) e pelo CRM (Conselho Regional de Medicina).

---

<sup>1</sup> Medicina biomédica: visão médica convencional, sistema predominante de tratar o adoecimento no Ocidente.

Esta condição favorece, inclusive, que a Homeopatia possa ganhar a forma conveniada, como em Piracicaba, garantindo, por um lado, a expansão dos seus serviços e a extensão a setores que de outra forma teriam dificuldade de acesso a elas. Por outro lado, garante as próprias estratégias de sobrevivência desses profissionais, num contexto urbano em que necessitam disputar a clientela com outros profissionais que pensam a doença enfatizando a supremacia das funções biológicas sobre a energia vital.

### Procedimentos teórico-metodológicos

Para desenvolver tal pesquisa, alguns procedimentos foram adotados, tais como uma revisão bibliográfica preliminar, que permitiu um alargamento da temática do adoecer ligada também ao sofrimento do homem, encontrando na Antropologia Simbólica e na Antropologia da Doença (francesa) meios de se aprofundar nesta questão. Nesse aspecto, o estudo do adoecer humano foi visto como um terreno no qual vários modelos de análise propõem interpretações. Contudo, o estudo da corporalidade humana e dos processos culturais vem ganhando interesse e fôlego, estando cada vez mais presente nos debates antropológicos, em que é questionada a disjunção corpo-mente e outras interações presentes no modelo biomédico.

Este modelo, de acordo com Capra, vê a doença ou o mal que aflige a pessoa através do aspecto biológico, considerando como contingentes os outros aspectos que também influenciam o estado de saúde como o psicológico, o social, o ambiental, o cultural etc. Dividindo o corpo em partes, o modelo fragmenta o conhecimento da totalidade, ao distribuir cada parte ou sistema de partes nas especialidades a elas designadas, atribuindo à medicina acadêmica a preocupação de **como** a doença ocorre no nosso organismo, dentro do essencialismo causal (uma causa para um efeito) em suas repercussões biológicas até os níveis celular e molecular presentes nesse processo. A doença é vista como uma entidade independente, algo separado do ser humano que deve ser atacado, suprimido de forma rápida, através de uma medicação que atue quimicamente no sentido contrário ao que a enfermidade se desenvolve (Capra,1982).

Nessa perspectiva, a Homeopatia surge no século XVIII com o médico alemão Samuel Hahnemann, como uma razão médica concorrente, no sentido de também construir interpretações e verdades sobre o adoecer. Em sua concepção, a doença está ligada a algum distúrbio da energia vital do indivíduo. Esta energia vital é vista como uma força energética que anima as atividades do corpo e, quando esta força se enfraquece por algum motivo, a pessoa fica doente. Nesse caso, a doença não é tomada como uma entidade independente que invade o corpo humano de forma agressora destinada a atacar o ser como pensa a Biomedicina. A doença é vista como um processo de desequilíbrio localizado na maneira individual de vivenciá-lo, ou seja, existe o doente com as suas características particulares de adoecimento e, não a doença em si mesma. Cabe ao médico, então, ajudar a reverter o quadro degenerativo do doente, ou seja, do desequilíbrio da energia vital - expresso

empiricamente através dos sintomas físicos e/ou mentais como o mal estar, a dor – para sua reparação integral, isto é, a saúde. A saúde é para a Homeopatia o equilíbrio da energia vital, que é imaterial, em sua plena atividade de animação do corpo, e a expressão visível de seu vigor se encontra na ausência de sintomas mórbidos (Luz, 1988).

Nesse sentido, a Homeopatia se afasta da relação de causa-efeito linear ligada à enfermidade presente na medicina dominante, associando o desequilíbrio da energia vital a uma pluralidade de causas, fruto das relações do ser com as esferas naturais, sócio-culturais ou cosmológicas. Este é um aspecto que a aproxima das medicinas tradicionais, uma vez que ambas vêem o corpo como sede de várias relações, em que os indivíduos exprimem toda complexidade contida na interação com o mundo e consigo mesmo. Neste aspecto a Biomedicina é contrária à Homeopatia, porque, partindo da noção universalista de doença (doença como estado), busca sempre na sua terapêutica uma causa específica dentro do anatomismo fisiológico, essencialismo médico e do especificismo etiológico, isto é, a doença é pensada através do conceito de essência do corpo, tomando-o biologicamente como fragmento independente, negligenciando-o como fonte subjetiva de significados.

Nesse contexto, a complexa questão da causalidade das doenças e dos sofrimentos encontra nas teorias antropológicas de Buchillet, Langdon e Zempléni e, também na Homeopatia, a idéia da existência de uma lógica de conjunção constante, que se opõe ao dualismo cartesiano presente no modelo biomédico. Nesse sentido, o modelo biomédico privilegia a existência de uma *conexão necessária* situada entre causalidade e doenças (o vírus causando a gripe, por exemplo), pensadas como entidades universais independentes penetrando no corpo numa relação temporal e linear de causa-efeito (causa instrumental imediata). Diferentemente, o sistema vitalista homeopático incorpora a subjetividade nele desconsiderada, a doença não é pensada como *um ser*, mas como um processo individual, inteiramente relacionado às esferas sociais, biológicas e cosmológicas presentes na interação do indivíduo com o mundo. Dessa maneira, há uma grande aproximação com o pensamento antropológico, na medida em que relaciona o adoecimento a uma polivalência de causas, que não são fixas, pois se transformam, bem como os seus efeitos no decorrer do processo. O corpo humano vincula-se a uma múltipla e inconstante rede de causalidades analógicas, ou seja, o doente é visto em sua singularidade, seu adoecimento expressa suas relações interiores e exteriores, numa lógica de *conjunção constante*, da qual são parte as relações sociais e simbólicas negadas pelo modelo biomédico (Buchillet, 1991; Zempléni, 1994; Landon, 1995).

Dessa maneira, para entendermos a complexidade do homem e as conexões com seus mundos (psicológico, cosmológico, ontológico) temos que entender de que modo uma dada eficácia de cura é capaz de transcender a dualidade humana. Para Buchillet, só entenderemos a diferença entre a eficácia no sistema de cura tradicional e no modelo biomédico se entendermos que eles se constituíram dentro de diferentes realidades sociais. Desse modo, se o modelo cultural é diferente, a interpretação das doenças também será diferente,

não existindo, assim, de um lado as doenças e, de outro, as práticas de cura e as interpretações sobre elas; tudo estará interligado à cultura que os unifica, que concebem estas representações que recobrem, inclusive, o pluralismo terapêutico, abrangendo assim o próprio modelo biomédico nesse conceito (Buchillet, 1991).

Neste artigo, propomos uma ampliação do conceito de cultura (primeiramente pensado como macro campo cognitivo) para o de emergência de complexidades. E aqui adentramos num espaço por onde as relações se atualizam, por onde se constróem as visões sobre o mundo e sobre as doenças, visões que nascem da contínua comunicação existente entre a dimensão natural e cultural. O sistema vivo abarca dinâmicas que necessitam ser investigadas não por um modelo etnocêntrico, que privilegia uma interpretação unidirecionada, mas por uma visão que nos abra para a pluralidade dos processos de percepção do mundo.

### **Ciências naturais e ciências humanas: a quebra do diálogo depois de 1945**

Apesar de ter proporcionado grandes descobertas e transformações para a civilização do Ocidente, a ciência, contudo, desenvolveu seu conhecimento recortando a realidade em setores, que se transformaram em disciplinas acadêmicas. Este modo de investigar o mundo levou a sociedade ocidental a enxergar os fenômenos de maneira isolada, sem levar em conta que na natureza tudo co-existe e age no interior de um sistema de interações complexas e distantes da relação de causa e efeito lineares. Os pressupostos cartesianos-newtonianos, contrários à credibilidade de um conhecimento religioso (revelado), transformaram a realidade numa esfera estritamente material e mecânica, e o campo das humanidades acabou sendo vivenciado e estudado por uma ótica individualista (estimulada pela lógica capitalista), numa sociedade em que a necessidade da produção e do consumo impede e ameaça o caminho na direção da profundidade da consciência (Tarnas, 1999).

Do mesmo modo o estudo do corpo dicotomizou-se do estudo da mente, e o estudo da mente foi separado do estudo da vida e das relações entre estes âmbitos, inclusive como não pertencente a um cosmos que interage, que evoluiu não só do ponto de vista material. Muitos aspectos da existência foram desprezados pela ciência.

Max Weber viu nessa transformação da visão de mundo moderna um profundo *desencantamento* do homem, que não vê coerência entre sua vida material e sua existência espiritual. Este autor ressaltou que o processo de racionalização da vida e da sociedade ocasiona uma sensação de abismo, que leva o homem a uma não identificação com a sua realidade objetiva. Desprovido de uma identidade maior, o trabalho, por exemplo, passou a ter um caráter essencialmente funcional e pragmático, sendo uma instituição que afirma o domínio de uma visão de mundo racional e desvinculada de um propósito cosmológico: “O desencantamento é o estado de espírito do homem de alma parcelada (...) é a desilusão quanto à unidade e à essencialidade da vida” (Nobre, 2000, p. 98).

A investigação setORIZADA da realidade adquiriu maior amplitude após a II Guerra Mundial. Depois de 1945, a organização disciplinar do conhecimento nas universidades conseguiu estruturar projetos, viabilizar pesquisas em instituições, em laboratórios, proporcionando uma grande abrangência do conhecimento científico pelas esferas da produção e do desenvolvimento tecnológico. Foi neste momento que ocorreu a separação entre ciências naturais e ciências humanas (Gulbenkian, 1996).

No interior deste pensamento que recortou a realidade, não só a Medicina, como a Física, a Química, a Biologia e outras disciplinas científicas passaram a enxergar os fenômenos da natureza como uma manifestação de associações físicas, químicas e matemáticas, que quando investigadas integralmente descortinariam o mistério da vida. Estes estudos desconsideraram a existência de um processo organizador mais profundo, sutil, que não se reduz à objetividade e que não é abarcado pelos modelos da racionalidade ocidental.

O mecanicismo, no entanto, não consegue explicar a propositividade dos organismos vivos, que, na observação detalhada, experimentam um impulso interno que os direciona ao crescimento e a um profundo instinto de sobrevivência. (Amorim, 2000, p. 36).

O pensamento homeopático apontou que as qualidades de um indivíduo são construídas na articulação entre a esfera natural (este âmbito abre-se ao estudo das ciências naturais e exatas, entre elas, a genética) e a cultural (neste âmbito, o das ciências humanas). Estas esferas, ao interagirem no processo de existência de uma pessoa desde o nascimento, contribuem, incessantemente, na construção das consciências individuais, que se transformam a todo o momento de acordo com a sociedade, com a cultura, ou com as relações que as pessoas estabelecem. Isto quer dizer que ninguém nasce com a personalidade de um estressado, ou já nasce egoísta, homossexual, por exemplo, essas qualidades humanas não se configuram geneticamente. Um *stress*, uma angústia ou uma opção sexual são decorrentes de relações e, necessariamente, mudam no interior das mesmas.

Para finalizarmos, então, a crítica inicial, as disciplinas científicas passaram a não mais dialogar entre si por pertencerem a ramos distintos do saber, por dividí-lo em setores, com exceção da física quântica, que é antecedente à data 1945-1950. Para as ciências naturais, a incumbência de investigar os fenômenos da natureza biológica, física e química das coisas e, para as ciências humanas, uma preocupação apenas no setor das relações, sendo que a Sociologia cuidou de analisar a sociedade e a Psicologia cuidou de analisar a mente individual, cada uma na sua tribo (Gulbenkian, 1996; Tarnas, 1999).

### **As novas vozes e os novos movimentos sociais**

Entretanto, a partir de 1945, a sociedade vem se transformando muito rapidamente e criando um espaço para a emergência de outras vozes que

nascerem dessas novas relações e, também, das novas modalidades de contradições sociais. Movimentos sociais e identitários como o feminismo, o homossexualismo, a luta contra a pobreza, a fome, as doenças, atingiram uma complexidade muito grande, que não foi abarcada pelo método científico das instituições e academias. Muitos autores atualmente vêm criticando este modelo racionalista de se interpretar a realidade, entre eles: Lévi-Strauss (1970), Morin (1973), Godelier (1981), Durand (2002), dentre outros. Para eles, há entre cultura, indivíduo e espécie uma comunicação aberta e mutuamente recíproca.

As pesquisas desenvolvidas sob a ótica do pensamento complexo e da Antropologia revelam que existe uma total relação entre a complexidade sociocultural e o desenvolvimento cerebral humano. Isto porque, segundo Morin (1973), o cérebro sofre pressões advindas das relações sociais e simbólicas que envolvem o ser, obrigando-o a realizar sempre novas conexões (entre as células nervosas) e a criar novas formas de solucionar e se adequar às transformações que acometem, inevitavelmente, todas as culturas.

Na visão deste autor, ocorre uma total interação entre o biológico, a consciência e a sociedade; um âmbito contribuindo para o desenvolvimento do outro, numa relação dialética complementar de movimento e causalidades. Porém, esta relação ainda é:

...obscura, não só pela extrema raridade de dados que permitam indução, mas também porque a mutação genética, como fenômeno criador, continua profundamente misteriosa. Mas tudo indica que esta dialética funcionou. Enquanto a evolução "natural" do cérebro hominídeo produziu e desenvolveu a cultura, é a evolução cultural que, em seguida, empurra ou estimula o hominídeo a desenvolver o seu cérebro, quer dizer a transformar-se em homem. Assim o cérebro passou de 500 cm<sup>3</sup> (antropóide) a 600 e 800 cm<sup>3</sup> (primeiros hominídeos), depois a 1100 cm<sup>3</sup> (homo erectus) antes de atingir os 1500 cm<sup>3</sup> (homo sapiens neanderthalensis e homo sapiens sapiens) (Morin, 1973, p. 80-81).

Nessa perspectiva, Morin (1973) critica o caminho tomado pela Biologia, que mesmo desenvolvendo estudos que buscam investigar o homem, a sociedade e as doenças, chega a uma natureza humana e a um corpo desligados do mundo, totalmente programados pelos códigos genéticos. No interior de muitos trabalhos científicos, ainda prevalece, contudo, uma crença em relação ao progresso da humanidade que tem em vista a competição pela vida, sendo que a vitória do ser mais competente justifica, inclusive, sua sobreposição econômica perante o ser mais *inferior* nos dias de hoje. Esta idéia representa uma visão científica denominada de *darwinismo social*, que interpreta o comportamento humano segundo as leis da genética evolucionista (Gulbenkian, 1996).

O que queremos ressaltar neste item do trabalho é que a sociedade vem se transformando de maneira muito intensa e novos problemas e movimentos vão surgindo a todo o momento; novas doenças são produzidas e, descompassadamente, o pensamento social está se abrindo com mais força para compreender essa complexidade que o modelo cartesiano biomédico não consegue abarcar.

Um exemplo disso é a síndrome do pânico, um estado de ser descontrolado, com uma vida sem sentido, uma doença (?) ou sintoma(s) que revela como um indivíduo pode ficar completamente fragilizado, ainda que seus exames laboratoriais nada acusem. Nesse caso, a Biomedicina tratou de pesquisar as propriedades químicas dessa doença, manifestadas pela ausência de serotonina e da noradrenalina no cérebro (O desafio..., 2003, p. 50). Os biomédicos não pesquisaram *os porquês* da falta dessas substâncias no organismo (que nem sempre estão ausentes), que, se investigados, seriam encontrados na história de vida, nas experiências, nas relações sociais e nas representações dessa pessoa sobre o mundo. A cura para esse problema não se manifesta numa ordem causal linear (tomar o remédio e anular o sintoma), mas por meio de uma *circularidade ascendente*, isto é, a causa vira efeito, o efeito vira causa, os encadeamentos se misturam e se configuram em novas imagens e sintomas, até que estes possam ser dissipados e o ser humano alinhado num patamar mais elevado.

Sendo assim, o modelo biomédico não vem acompanhando a complexidade manifestada pelas novas doenças, pelos novos sintomas, pelas novas relações que estão surgindo com as transformações e manifestações socioculturais. Ao contrário deste caminho de disjunções, nosso trabalho tenta unir as esferas que compõem a vida do homem no interior de campos (que se diferenciam dos setores) para assim adentrarmos em uma interpretação mais condizente com a multiplicidade das causas que atuam no adoecimento. Para isso, buscamos contribuições advindas de saberes integradores, como o homeopático, inserido no interior do pensamento analógico, este, presente no imenso campo cognitivo que permeou a história da humanidade desde os seus primórdios.

### **A analogia não é um discurso uníssono**

O pensamento analógico é a forma mais antiga do homem interpretar o mundo que o rodeia. É uma representação da realidade que nos abre para novas construções do conhecimento, com um discurso que não é uníssono, ou seja, não segue um único caminho de raciocínio sobre a relação causal existente entre as coisas (materiais e imateriais). A analogia é uma relação de equivalências. A equivalência pode ocorrer entre objetos, entre espíritos e corpos, entre seres e cosmos, ou seja, é uma relação em que o contexto simbólico cria um campo em que vários elementos podem atuar criando significados para as experiências, como por exemplo, para as curas de doenças (Godelier, 1977).

Existem infinitos campos de relações analógicas criados por inúmeras culturas, referentes à construção do universo (da lua, do sol, das estrelas etc.), à explicação da ação das forças da natureza (como tempestades, secas etc.), à explicação de sintomas físicos, de brigas entre familiares, de perda do cultivo, de adultério etc.

A analogia nos abre a um mundo rico que pode ser pensado como um *texto*, suscetível a inúmeras leituras, revelando-nos a todo o momento a

pluralidade dos significados por meio das relações de equivalências. Assim como o corpo, como o homem, o mundo também é um campo de símbolos que são interpretados pelas mais variadas culturas, articulando infinitas possibilidades de conexões que geram os significados e produzem os mitos (Mansur, 2000).

Em relação ao adoecimento humano, o pensamento analógico nos ajudou a compreender o ser como um espaço onde cada cultura imprime sua interpretação e seu relacionamento.

Zémpléni (1994) faz uma referência às medicinas sem escrita, nos mostrando como elas nos revelam outras relações de equivalência manifestadas entre o corpo e a enfermidade. Nas medicinas tradicionais, o *agente* e a *origem* da doença são as categorias causais destacadas para o processo da cura e para a interpretação do adoecimento. Os *agentes*, em vez de vírus ou bactérias como na nossa sociedade, são vinculados a figuras antropomórficas ou zoomórficas, ou seja, são descritos a partir de imagens com atributos humanos ou seres com formatos ou características de animais.

A origem da doença é geralmente cultural, uma vez que o adoecimento evoca uma nova estruturação nas relações do ser com seu meio social. Na realidade, a analogia como compreensão do mundo expressa, de várias formas e imagens, a unidade entre corpo e alma por meio dos símbolos, que são muitos. De acordo com Mansur (2000), podemos orientar a análise desse pensamento com três conceitos a respeito: *cosmização, corporização e simbologia do corpo*.

Por *cosmização* compreendemos a reprodução do universo no ser, isto é, ao investigarmos o homem e seu corpo percebemos uma identidade entre os fluxos e movimentos internos com o cosmos. A acupuntura, por exemplo, é uma arte de curar que representa no corpo as propriedades do universo. A *corporização* é, de certa forma, o contrário do conceito anterior, porque consiste na identificação de propriedades humanas no universo; o homem, quando olha para o mundo ao seu redor, vê nele as suas qualidades, o espírito empreendedor que revela, de muitas formas, as representações do próprio homem. Já o conceito de *simbologia do corpo* nos leva ao entendimento que a dimensão corpórea abarca uma compreensão de que há significados simbólicos nas diferentes partes do corpo (mãos, membros etc.) cujas conexões, em parte, vão muito além do que é percebido pela consciência (Mansur, 2000).

Estes três conceitos configuram-se como importantes categorias na diferenciação da discussão analógica, em virtude dela se revelar abrangente e heterogênea, assim como a cultura, como formas simbólicas do homem criar a vida que o cerca.

Podemos perceber que a analogia, ao criar campos de conexões entre fenômenos, objetos, sentimentos e representações, consegue operacionalizar os instrumentos do mundo de acordo com os significados atribuídos a eles, ou seja, o que importa não são os elementos relacionados na equivalência, e, sim, a relação simbólica estabelecida para o evento pelas culturas (Godelier, 1977). Na Homeopatia não importa o que é relacionado, importa como a relação ressoa na corporalidade.

### Cosmologia, ontologia e uma nova epistemologia

Iniciamos agora a reflexão sobre o conceito de consciência ecológica no interior de uma cosmologia mais ampla, vamos entrar na dimensão da natureza, da vida e da identidade humana, analisada por Morin (1973) e por Boff (1997).

Segundo Boff (1997, p.61), todos nós seres do mundo somos construídos por:

... partículas elementares que têm a idade do universo (15 bilhões de anos) e daqueles materiais forjados há bilhões de anos no interior das grandes estrelas, especialmente os átomos de carbono, oxigênio e nitrogênio imprescindíveis à vida.

Também somos descendentes das formas mais antigas de vida na terra, que foram se aprimorando até que apareceram os primeiros hominídeos bípedes. Nossa diferença genética, em relação aos outros seres viventes no planeta Terra, é mínima: entre nós e um macaco a diferença é de um aminoácido, entre nós e um cachorro, 11 aminoácidos, com o trigo, 53 aminoácidos, e assim por diante. Nesse caso, nosso código genético possui uma herança de mais de milhões de anos, nos impondo a questão da transferência genealógica de gerações que transmitem muitas das nossas maneiras de viver na atualidade (Boff, 1997, p.61-65).

Para Morin (1997), a constituição do nosso corpo feita por partículas universais que caem sobre a Terra, todos os dias (cerca de 30 toneladas) nos revela que todos os seres são parentes e são oriundos de um mesmo processo de criação. Nesse sentido, não possuímos apenas uma raiz de ancestralidade, nossa natureza é similar às das outras formas de vida do planeta, que por sua vez é similar à natureza do universo:

A epopéia cósmica da organização, continuamente sujeita às forças da desorganização e da dispersão, é também a epopéia da religação que, sozinha, impediu que o cosmos se dispersasse ou se devanesse ao nascer. No seio da aventura cósmica, no ápice do desenvolvimento prodigioso de um ramo singular da auto-organização viva, prosseguimos a aventura à nossa maneira (Morin, 1997, p. 49).

Tanto Morin (1997) quanto Boff (1997) ressaltam nosso parentesco com as outras espécies, nos evidenciando a identidade do homem com o universo e com as outras formas de vida, a familiaridade entre os nossos elementos constitutivos e os nossos códigos genéticos; somos todos muito próximos e contemos em nosso corpo elementos que trazem a história da criação do mundo.

É de acordo com esse modo de pensar não disjuntivo que o conceito de consciência ecológica emerge de maneira mais profunda e integrada. Porém, para o compreendermos na sua grande abrangência, devemos nos ater aos processos de constituição da consciência humana, que envolve, entre outras dimensões, a relação entre o homem e seus símbolos.

### Contrariedade química e semelhança analógica

Tomamos, então, como ponto de partida os diferentes processos cognitivos sobre o mundo do adoecer (Homeopatia e Biomedicina), advindos de uma interação que organiza no imaginário a experiência objetiva, social, cultural e simbólica. No interior desse processo, recuperamos a crítica de Lévi-Strauss (1970) sobre as antíteses natureza e cultura, magia e ciência e arte e técnica.

Ao reconhecermos a singularidade da corporalidade humana que expressa uma vasta rede de relações simbólicas, nos situamos na liminaridade da relação natureza/cultura, visto que as nossas relações ou a forma como as representamos no nosso imaginário podem desencadear reações físicas ou emocionais denominadas doenças pela ciência biomédica, ou pela medicina homeopática. A primeira, ao lutar contra esse processo pela via da contrariedade química situada no local da enfermidade, age no sentido da oposição natureza/cultura, já que considera o corpo como um organismo biológico (natural) separado do mundo (cultural). O modelo biomédico não leva em conta o papel das relações mitológico-culturais no processo da doença. A continuação desse processo pela via da semelhança através de medicamentos analógicos abrangentes (presente na terapia homeopática), evidencia uma visão e um procedimento que caminham no sentido da conexão dessas relações entre a natureza e a cultura, em virtude de considerar as representações do doente e a linguagem da corporalidade para a resolução pelo medicamento.

Como o medicamento homeopático é uma solução em que a matéria, ou a substância ativa não existe quimicamente, seus efeitos são compreendidos por sua força vibracional. Isto por que o material retirado da natureza para a preparação do medicamento, ao se submeter ao processo de trituração, diluição e potencialização, passa a atuar como energia, semelhante e abrangente, levando a uma melhora total do indivíduo, incluindo a supressão dos sintomas físicos, mas não reduzindo a melhora da saúde apenas a eles. A cura na Homeopatia está sendo pensada, nos dias de hoje, pela física quântica e o efeito do remédio, como sendo quântico, vibracional (Gerber, 1999; Amorim, 2000).

Diluindo o extrato de uma planta (por exemplo) no medicamento e submetendo-o à sucussão, este vai conter a frequência vibratória da referida planta que será associada à frequência do indivíduo, percebida durante a consulta médica. O remédio homeopático é visto pelos homeopatas como um agente possuidor de propriedades dinâmicas que atuam no ser como uma força que percorre o caminho natural da cura, encurtando-o. Esta força semelhante mobiliza também o universo da consciência (atuando na corporalidade a Homeopatia alcança planos mais profundos e sutis do organismo), transformando pelo caminho da doença a forma com que o indivíduo se relaciona com o mundo, interior e exterior, numa rede de causalidade circular e ascendente (Vithoukas, 1980; Gerber, 1999).

### O *mana* e o conceito de energia

Carvalho (1984) nos fornece uma importante contribuição para a análise da Homeopatia enquanto uma filosofia e uma prática médica que se diferencia paradigmaticamente da ordem médica dominante. Este autor, fundamentado em Durand (1975) e em Morin (1973) nos ajuda a relacionar a Homeopatia com a problemática do *mana* iniciada por Mauss (1974) e com o paradigma hermético, discutido por Durand (1975), e desdobrado por Amorim (2000).

Nessa perspectiva a Escola Francesa, pesquisada neste trabalho também a partir do pensamento de Mauss (1974), foi fundamental para orientar a discussão analógica e nosso propósito é o de aprofundá-la com novas contribuições e indagações. Entrar na discussão da analogia presente no pensamento homeopático nos leva a interpretar a questão energética do medicamento, na sua estreita correspondência com o vasto campo de relações tecidas pelos indivíduos e a sua força de potencialização sintomática que evoca uma transformação profunda ligada à cura. Isto é, leva-nos a pensar no *mana* do medicamento.

A noção de *mana*, segundo Mauss (1974), esteve presente em muitas sociedades não ocidentais. Para ele, caberia ao antropólogo identificar a presença de seu uso em cada cultura, mesmo através de palavras expressas em diferentes linguagens, abrangendo significados mais ou menos similares.

O importante para a Antropologia é a identificação e o diálogo com essa forma de pensar e de lidar com a realidade, que emergiu dos tempos mais remotos da humanidade e não desapareceu na era contemporânea (Carvalho, 1984, p.311). Foi a ciência biomédica que abandonou precocemente este conhecimento.

O *mana* é interpretado por Mauss (1974) como sendo uma força, uma entidade, uma realidade material que age de várias formas, configurando uma qualidade aos eventos de que participa. Pessoas podem ter *mana*, pedras, árvores etc., e este é uma fonte transmissível que causa efeitos tanto positivos quanto negativos. Sua definição é extremamente abstrata e variável e o autor toma sempre o cuidado de não fazer reduções. Nas suas palavras:

A idéia de *mana* compõe-se de uma série de idéias instáveis que se confundem umas nas outras. É cada vez e ao mesmo tempo, qualidade, substância e atividade... Mas é uma força espiritual, isto é, que não age mecanicamente e que produz à distância seus efeitos... Podemos até mesmo alargar o sentido dessa palavra e dizer que o *mana* é a força por excelência, a verdadeira eficácia das coisas, que corrobora sua ação mecânica sem aniquilá-la. É ele que faz a rede apanhar, com que a casa seja sólida, que a canoa vá bem no mar. No campo é a fertilidade; nos remédios, é a virtude salutar ou letal...ue **como uma qualidade posta nas coisas, sem prejuízo de suas outras qualidades, ou, em outras palavras, como uma coisa superposta às coisas** (Mauss, 1974, p. 139-141) (grifo nosso).

Estas palavras do autor expressam um pensamento, uma representação analógica que existiu em várias sociedades e culturas humanas no decorrer

de diferentes épocas e lugares. Uma idéia que sofreu metamorfoses, que se dividiu em várias idéias, permanecendo em alguns lugares, desaparecendo em outros. Na Índia, o *mana* sobreviveu conservando seu aspecto místico, ao contrário da Grécia, que conservou apenas seu caráter científico. Esta noção está diretamente associada à eficácia dos ritos mágicos. Para Mauss (1974), o *mana* não é a representação do pensamento mágico, ele existe antes como uma condição para a compreensão da magia, como uma visão da realidade ou uma visão de mundo que precede o entendimento do ritual.

Segundo Carvalho (1984), o *mana* representa a natureza de toda uma simbologia atualizada que denominamos de energia na nossa sociedade. Para Jung (apud Carvalho, 1984, p. 311):

...a incidência quase universal do primitivo conceito de energia é uma clara expressão do fato que, mesmo nos estágios precoces da consciência humana, o homem sentiu a necessidade de representar o dinamismo percebido dos eventos psíquicos, de modo concreto. Por conseguinte, se em nossa psicologia, insistimos no ponto de vista energético, isto está em acordo com as realidades psíquicas depositadas no espírito humano desde tempos imemoriais.

Dessa maneira, a Homeopatia reacende na nossa sociedade uma visão representativa do mundo presente nos espíritos humanos desde o início da história do pensamento ocidental. Para entendermos sua filosofia, é preciso primeiramente que aceitemos que o mundo está impresso na corporalidade (*cosmização*), na forma de metáforas, que são os sinais do desequilíbrio, da entropia (que é uma tendência à desordem) e da homeostase (regulação do equilíbrio). Também precisamos enxergar o corpo como uma identidade que ultrapassa a noção de mecanismo, de funcionamento e de parte. Precisamos aceitar, também, o conceito de *energia vital ou energia criadora* que é capaz tanto de desequilibrar, de desorganizar a totalidade humana, como de religar o ser em outra dimensão de existência, assim como ocorre com o universo.

Sendo assim, nosso estudo se abriu para uma complexidade epistemológica, ao situarmos paradigmaticamente as medicinas homeopática e biomédica. A Homeopatia opera por um princípio unificador do conhecimento, já que trata do ser vendo-o no mundo. Na potencialização dos medicamentos, estes passam a agir no intermédio da relação do indivíduo com as coisas (tanto na esfera natural como na cultural), e nos sintomas físicos que estas relações potencialmente podem desenvolver.

Já a Biomedicina opera por cisões, assim como as outras disciplinas científicas, decorrentes da radicalização epistemológica que ocorreu após 1945, que setorizou todas as esferas que fazem parte do todo, ignorando que este todo possua propriedades que são frutos da interação (Morin, 2000).

### **A ratio hermética e a anti-história da anti-filosofia**

Não apenas a Homeopatia, mas outras correntes do pensamento estão enfatizando o conceito de energia (ou holonomia), que é expressa por autores como Capra (1982), Carvalho (1984), Zohar (1990), Rosenbaum (1998), Badia

(1999), Gerber (1999), Amorim (2000), Burkhard (2001), Wilber (2001), os Colóquios Holonômicos, e também nos outros estudiosos das medicinas orientais, mesmo não utilizando as mesmas categorias e linguagens, estão atualizando o conceito de *mana* na sociedade globalizada.

Pensando com Durand (1975), tanto a Homeopatia como todas as outras correntes de pensamento que vêem o fenômeno da existência como uma força dinâmica integrada, se situam no interior do que este autor chamou de *ratio hermética*. As revelações da *ratio hermética* podem ajudar a esclarecer muitos impasses epistemológicos da contemporaneidade, em virtude de pontuarem várias incidências históricas e sincronicidades que abarcam desde o neoplatonismo até a emergência do *Novo espírito científico* decorrente da revolução biológica e da crítica ao modelo aristotélico racionalista. Durand (1975) busca as evidências da presença da *ratio hermética* realizando um caminho pelo lado obscuro da história ocidental desde a civilização grega, e neste percurso, identificou esta nova definição como uma *anti-história da anti-filosofia*, uma vez que se desenvolveu de forma lateral à conhecida e oficial história do pensamento ocidental.

Na *ratio hermética* os princípios da similitude e da analogia imperam sobre os das interpretações biunívocas. De acordo com Badia (1999, p.53-54), esse paradigma possui quatro postulados:

- 1) O postulado da não metricidade, opondo-se a todas as formas de “quantofrenia” (Sorokin) e despontando num “pensamento das qualidades” e numa “abordagem da compreensão”; 2) o postulado do não causalismo objetivo, opondo-se ao mito da objetividade científica e ao mito da história, desenvolve o “princípio da sincronicidade” ou “princípio de coerência a-causal”... 3) o postulado do não agnosticismo... 4) o postulado do não dualismo introduzindo o universo da mediação simbólica e as lógicas do terceiro incluído.

Se relacionarmos estes quatro postulados da *ratio hermética* à filosofia homeopática, perceberemos uma identidade referente à não quantificação, pois do mesmo modo que cada doença é uma, ela consiste numa problemática, não num estado que possa ser medido quantitativamente, e cada remédio alcança o doente diferentemente com a sua abrangência, já que a Homeopatia analisa o paciente na sua singularidade, no aspecto da linguagem do corpo, que toca no âmbito qualitativo individual; ao não determinismo causal, uma vez que a semelhança opera pela lógica da *conjunção constante* (um amplo, heterogêneo e profundo universo causal). Também ocorre uma identidade em relação ao não agnosticismo, pois a doutrina homeopática não se limita à validação do conhecimento como simples comprovação empírica de uma teoria. Do mesmo modo, o postulado da não dualidade e do terceiro incluído convergem com a Homeopatia, uma vez que o corpo é visto como metáfora dos mundos da consciência e não pode ser analisado segundo o dualismo cartesiano, mas abarca um espaço para a ação das forças transcendentais do pensamento, ou seja, o terceiro incluído seria uma superação da dualidade entre todos os opostos presentes nas representações sobre as doenças.

Nesse sentido, a Homeopatia pode ser vista como um desdobramento dos saberes ocultistas existentes na sociedade desde os tempos mais antigos. De acordo com León (2000, p.164) esses saberes, não tendo uma origem histórica nem uma territorialidade definida, permaneceram na escuridão até o século XV, sendo hostilizados muito precocemente tanto pelas religiões quanto pela ciência. Esses saberes foram reorganizados pelos magos europeus por intermédio das Sociedades Secretas (ele cita como exemplo a Franco Maçonaria, a Ordem Rosacruz, os Templários, os Gnósticos, o hermetismo, o estoicismo etc.).

Ainda segundo León (2000), estas escolas de conhecimentos ocultos revelam uma profunda relação de analogia entre o homem e o mundo; nelas, tudo é visto como parte de uma interação que configura uma unidade total entre todas as coisas, já que procuram caminhos para uma sabedoria única que emerge no interior de relações profundas, na busca da transformação alquímica da *tradição*.

### O homem tradicional: encontro entre criador e criatura

Nessa perspectiva, uma vasta gama de saberes, não difundidos por permanecerem secretos por muitos séculos, compõe o paradigma hermético desenvolvido por Durand (1975) assentado na *figura do homem tradicional*. Esse conceito de homem tradicional vem exatamente elucidar que para relacionarmos algum saber ao paradigma hermético, é preciso que identifiquemos sua operacionalização aos preceitos que configuram essa imagem tradicional de homem, ou seja, é preciso que pessoas vivenciem as relações com o mundo conforme as vivencia o homem tradicional.

Badia (1999, p.50) nos alerta que é preciso reconhecer algumas características dessa *imagem do homem tradicional* nas manifestações contemporâneas, como na arte, na poesia, por exemplo. Retomando Carvalho (1993) sobre os contornos gerais dessa imagem tradicional em que se fundamenta a *ratio hermética*, Badia afirma:

- a) o homem tradicional 'não quer distinguir o eu do não-eu, o mundo do homem' ...
- b) o conhecimento do homem tradicional é 'uno', 'seu conhecimento é sistematizado' e seu saber está apoiado 'numa concepção unitária do cosmos; assim, oposto à visão fragmentada e taylorizada de mundo' ...
- c) o homem tradicional vive a 'pluralidade do eu' ... trata-se da dinâmica do 'teomonismo' ou da 'unidade' em alquimia...
- d) o pensamento tradicional realiza 'uma *démarche* simbólica do pensamento e do universo pensado', portanto um 'pensamento por imagens simbólicas', pensamento concreto e sintético no dizer de Jung...
- e) o homem tradicional é 'um homem apaziguado', vivendo a existência de um 'Princípio Unificador' cuja ética é viver a plenitude e não a perfeição...
- f) a vida é 'êxodo e retorno', uma gesta do Graal e um percurso alquímico, como diz Durand, ou seja, re-condução e individuação por onde opera a gnose iluminativa, o 'Grande Conhecimento da Ordem que dá o "Porquê" de toda Criação e de toda criatura' (Carvalho, 1993 apud Badia, 1999, p. 50-51).

De acordo com esta concepção sobre as relações construídas pelo *homem tradicional*, temos uma identidade do homem nascida de outra maneira de se ver no mundo, por uma revelação, quanto à forma dele de se situar neste mundo e de interpretá-lo.

Talvez possamos identificar Samuel Hahnemann (o criador da Homeopatia) e Rudolf Steiner (o criador da Antroposofia) como homens que se relacionavam com o mundo buscando outras conexões, outras luzes, conforme a imagem do *homem tradicional*. O primeiro deles nasceu no ano de 1755 e criou a Homeopatia, depois de uma série de experiências e leituras que o levaram à construção desta ciência inovadora. O segundo, nasceu no ano de 1861 e desenvolveu estudos que o levaram a Antroposofia, deixando muitas contribuições no campo das artes, da medicina, da pedagogia (Waldorf), da agricultura etc.

De acordo com a experiência do trabalho de campo, na cidade de Piracicaba, percebemos, contudo, que os homeopatas não se assemelham muito ao *homem tradicional*. Nas entrevistas eles se classificavam como médicos, portando-se, também, como possuidores do conhecimento científico identificado pelas nossas instituições oficiais como o único e verdadeiro saber em saúde. Os homeopatas, por serem oriundos da sociedade racionalista contemporânea e herdeiros do pensamento biomédico cartesiano (pois são obrigados a cursar a faculdade de medicina antes de realizarem a especialização em Homeopatia), não conseguem se relacionar com a sociedade de maneira similar ou aproximada àquela que teria o homem tradicional.

Nos dias atuais, com o avanço da tecnologia médica e com o aprofundamento das crises sociais, o que se percebe é que os homeopatas aderiram à luta por clientela, por emancipação financeira, estando lado a lado de profissionais cartesianos ou alternativos para a conquista da sobrevivência e do seu lugar na sociedade, rompendo com a relação do homem tradicional com o mundo.

### **Novos conceitos para um velho debate**

A ciência se desenvolveu, mas, no entanto, não realizou um diálogo com outras disciplinas fora do seu âmbito de atuação. A Física, por exemplo, se emancipou e produziu a Física Quântica; a Antropologia ampliou seus conhecimentos por meio da abertura às várias compreensões da analogia, à complexidade, à metodologia, abarcando campos mais abrangentes e diversificados do saber em suas análises.

Atualmente, vários estudos da Física Quântica e da Biologia contemporânea vêm postulando uma teoria tendo como base a interação. Os sistemas vivos são vistos por estes estudos como dotados de capacidade auto-organizativa, subordinados por patamares de complexidade que envolvem muitos âmbitos de análise (Amorim, 2000). Na Antropologia, esses estudos estão ligados aos processos de estruturação da consciência humana e também às forças míticas que modelam as representações e as interpretações dos sentimentos (Morin, 1973, Durand, 2002).

No caso do adoecimento humano, na visão homeopática, o pensamento sistêmico nos ajuda a compreender como um medicamento pode encobrir uma totalidade de sintomas que refletem tanto o aspecto físico estrutural, como os aspectos subjetivos e simbólicos que envolvem a consciência do doente. O adoecimento pode ser traduzido por esta abordagem sistêmica como um modelo de desordem (entropia), manifestado em várias dimensões complexas do ser, na sua busca por uma nova reintegração, ou por um novo modo de vida, segundo Amorim (2000).

Esta autora nos chama a atenção para a emergência da teoria quântica que pretende unir todos os campos do conhecimento já separados pela disciplinarização, numa ordem mais complexa e implícita, postulada pelo físico David Bohm. Esta integração deve ser observada não como a soma das partes, mas como um sistema que ultrapassa a mera junção do que foi isolado. Sendo assim, todos os fenômenos da realidade e todos os organismos (vivos ou inanimados) são vistos como sistemas que possuem padrões de auto-organização (que incluem a desorganização) e uma capacidade para reorganizar-se de acordo com as pressões da natureza e da cultura.

Para que se compreenda, segundo a autora, o alcance dessa visão sistêmica da realidade, precisamos saber que a noção de padrão engloba um conjunto de relações que, juntas, conformam um sistema. Isso significa que qualquer ser presente na natureza partilha da condição unitiva de ser parte de um sistema abrangente de auto-organização, dinâmico e heterogêneo, por ser um ente que vibra no interior de relações (ou padrões) objetivas e subjetivas.

No momento em que a autora expõe essa nova lógica científica, também critica o vitalismo, ao questionar a separação que esta visão causou entre a entidade viva da não viva e entre mente e corpo, fundamentando a negação de qualquer tipo de relação interativa (ou vibracional) entre estas duas esferas pertencentes ao mesmo fenômeno da existência:

... de fato, a teoria holística considera toda a natureza como viva, e neste ponto, representa uma visão atualizada do animismo pré-mecanicista. Então, tudo é considerado como organismo, os átomos, as moléculas e os cristais, estes últimos não mais constituídos de matéria como nas velhas teorias atômicas, mas, como a física moderna tem demonstrado, são estruturas de atividades, com padrões de atividade energética, que ocorrem no interior de campos (Amorim, 2000, p. 37).

Nessa perspectiva, os conceitos de fluxos, vibrações, ressonâncias e sincronicidades, se inserem na interpretação antropológica da visão homeopática de modo similar à visão sistêmica da Física, isto é, todo ser humano vibra e possui um fluxo de energia, energia que conecta a corporalidade, as relações sociais, as relações naturais, as crenças e a existência. Como a realidade é vista de modo integrado, as esferas naturais, sociais e cosmológicas estão abarcadas no conceito de corporalidade. Nela, estas esferas se expressam no ser, em sua saúde; percebemos, então, que todas as relações são, também, ressonâncias que atuam nos diversos padrões de individualidade humana.

Podemos observar as relações de ressonâncias no nosso cotidiano, quando, por exemplo, numa roda de conversa uma pessoa mais irritada é

capaz de passar sua irritação às demais. Esse fenômeno pode ser interpretado como ressonância, já que pelo paradigma sistêmico tudo é energia e, sendo assim, tudo vibra, inclusive a intensidade das palavras, o pensamento e as emoções.

O conceito de sincronicidade pode ser lembrado neste trabalho a partir da visão de convergência de situações na interpretação do adoecimento humano. Na Homeopatia, como o adoecer é visto como um momento de desequilíbrio do ser, causado por uma rede de causalidades não linear e heterogênea, transformando-se a todo o momento, a sincronicidade se encontra na apreensão de todas as dimensões possíveis da *lógica da conjunção constante*, como por exemplo, as dimensões quânticas, biológicas, genéticas, simbólicas, míticas, familiares, que explicitam as causalidades do estado de saúde. A sincronicidade ressitua o adoecimento na vida da pessoa, fazendo com que ela compreenda os porquês (em vários âmbitos) de ter ficado doente.

Caberia ao homeopata identificar o(s) padrão(ões) de desordem da pessoa doente (isso na linguagem do paradigma sistêmico), ou seja, perceber quais os sintomas e representações que revelam o desequilíbrio da totalidade e, pela abrangência do medicamento, buscar criar uma nova ordem ou uma nova visão de mundo, mais equilibrada ou mais adequada ao contexto da vida da pessoa. No trabalho de campo realizado em Piracicaba, observamos que nenhum homeopata conhecia teoricamente o paradigma sistêmico. O que eles mencionaram, em linhas gerais, nas respostas das questões é que consideravam as relações sociais como ressonâncias energéticas. Dos quinze entrevistados, três deles eram também acupunturistas e sete deles possuíam ligações com outras esferas do conhecimento como teosofia, espiritismo, medicina indiana e chinesa.

Para Morin (1997), na crítica que realiza à investigação cartesiana, setORIZADA, por maior que seja a quantidade de fenômenos pesquisados, neles não são encontradas as qualidades holográficas presentes na investigação integrada do paradigma sistêmico. O pensamento de Morin converge com o de Niels Bohr, Heisenberg, Zohar, quando estes afirmam que a realidade em si mesma possui uma característica de indeterminação, funcionando como um campo de probabilidades. A realidade é composta por múltiplas relações e para interpretá-la é preciso uma ciência que articule a subjetividade e a complexidade destas relações.

No interior da visão sistêmica e quântica, observa-se também que a natureza possui mecanismos auto-reguladores, por serem os fenômenos (naturais, culturais, corporais, mentais) ocasionados por relacionamentos entre todas as esferas. Dentro das interconexões que se expressam nas infinitas relações entre os elementos, as correspondências rearticulam a universalidade com a subjetividade:

A cosmovisão quântica transcende a dicotomia entre mente e corpo, entre interior e exterior, revelando-nos que as unidades básicas constitutivas da mente (bósons) e as unidades básicas constitutivas da matéria (férmions) brotam de um substrato quântico comum (o vácuo) e estão empenhadas num diálogo mutuamente criativo,

cujas raízes remontam ao próprio cerne da criação da realidade. Em outros termos, a mente é relacionamento e a matéria é aquilo que é relacionado (Zohar, 1990, p. 292).

Poderíamos a partir dessa idéia pensar que nos momentos de desequilíbrio, ou de transformações, o universo reconstrói os infinitos relacionamentos existentes para, assim, continuar seu caminho de evolução ou de transcendência, ou de equilíbrio.

Vale a pena mencionar Burkhard (1987) no tocante à relação da atuação das forças zodiacais sobre os seres humanos. Segundo esta autora, o planeta Terra e o cosmos interagem entre si. A lua, os planetas e as estrelas, por exemplo, também os quatro elementos: terra, água, ar e fogo influenciam as plantações no que tange à forma do vegetal, a cor, o crescimento etc., portanto, quando o homem se alimenta de vegetais, quando toma sol, quando interage com o mundo, é contemplado por diferentes forças que estimulam os processos de vitalização do organismo.

Isto se comprova na questão do adoecer. O ser, ao se identificar com a natureza, ao reconhecer que é fruto de suas conexões mais complexas, é capaz de ver que possui capacidade de auto-equilíbrio e de transcendência. As desorganizações físicas denominadas doença, que passam pelo desequilíbrio energético (que nos remetem a conexões analógicas), podem ser vistas como um caminho situado num momento de busca por uma nova integração com a realidade. Integração que também ocorre no plano da consciência, no plano das relações sociais e simbólicas, ou seja, na universalidade (o homem) enxergamos um caminho de reorganização da sua subjetividade (sua consciência no mundo).

Falando de diferentes maneiras, as ciências e saberes vibracionais estão analisando e interpretando as mesmas categorias de pensamento. A Física está trabalhando com a *energia*, a Antropologia está trabalhando com o *mana*, a Homeopatia com a *força vital* e, desse modo, estas áreas e também muitas outras (como as teorias orientais, indianas, escolas de ocultismos etc.) estão dialogando com a complexidade dos fenômenos da realidade conforme seus próprios critérios de análise, que não os do cartesiano.

Esses saberes possuem os mesmos opositores, que são representados pelos determinismos da ciência newtoniana/cartesiana, que divide a realidade em setores e discrimina as potencialidades do espírito humano ao negar a transcendência da matéria, negação que, de acordo com as descobertas da nova Física, terá que ser repensada.

Sabemos pela Física Quântica que no mundo dos microelementos não existe distinção entre matéria e energia, em virtude de o elétron, por exemplo, se comportar de maneira ambígua. Nesse caso, o número de *Avogadro* se tornou um obsoleto padrão de limitação da materialidade, veiculado pelo modelo biomédico para desqualificar a Homeopatia, uma vez que os medicamentos desta última são diluídos *ad infinitum*, e continuam atuando no organismo humano mesmo ultrapassando as dimensões cartesianas de legitimidade científica.

Nessa perspectiva, a visão da cultura como um macro campo cognitivo reúne o que é descartado pela ciência cartesiana: os indivíduos com as suas próprias experiências de vida, com suas relações, com suas linguagens, que explicam a realidade de maneira singular e diferenciada, articulando-se numa rede de interconexões abertas entre natureza e cultura. Nesse processo, o cérebro humano possui o desafio de articular às circunstâncias da realidade objetiva com os sinais da corporalidade, aprendendo que, por meio de uma doença, somos levados a enxergar uma verdade mais profunda do que nossos olhos querem ver. Também, como nos ensina Morin, devemos investigar cada vez mais as interações entre os neurônios e as culturas, os sistemas complexos das comunicações nervosas associados à subjetividade e as diferentes relações e representações que as pessoas constroem e desenvolvem através do fenômeno da vida.

A partir das contribuições de Zohar (1990), realizadas sob a ótica da Física Quântica, da Antropologia Complexa de Morin (1973), da Antropologia do Imaginário de Durand (2002) que compreende as idéias, os mitos e as representações como *forças* atuando nas relações dos indivíduos nas culturas, de Burkhard (1987) que associa a interação total entre a universalidade (cosmos) e as subjetividades (entes viventes), são criadas indagações que nos fazem redimensionar as dicotomias ocidentais associadas à separação cartesiana do mundo.

A noção de *quantum* revela pelo mundo do infinitamente pequeno a identificação das idéias e das representações simbólicas como forças (ou ondas) que atuam nas relações das pessoas com o meio e consigo mesmas. A Biomedicina, por exemplo, ao preconizar a separação do corpo em setores e ao representar a enfermidade como uma entidade exterior ao indivíduo, faz com que estes, que nela acreditam, se relacionem de maneira diferente com seu corpo, com seu adoecer, com o seu sofrimento. Já no caso da Homeopatia, a pessoa é vista como responsável por seu estado, e este é visto como um momento de desequilíbrio energético que será regularizado pela atuação do medicamento nas amplas dimensões da corporalidade. São diferentes visões de corpo e de doença que atuam como forças que estruturam as relações dos indivíduos nesta sociedade.

### Os limites da Homeopatia

A Homeopatia, assim como as outras disciplinas científicas, possui limites em relação ao seu alcance epistemológico isolado do diálogo com outros saberes. Querendo fugir do modelo cartesiano, essa doutrina acabou radicalizando outra epistemologia, ou seja, direciona a visão multicausal da doença para um determinismo do âmbito psicológico (o psicológico ou o emocional como dominante), que se sobrepõe às outras esferas que compõem a unidade (como a simbólica, a social, a natural etc.), expondo, então, uma relação biunívoca de causalidade, característica do modelo biomédico – porém com sinal invertido.

Quando os homeopatas buscam o medicamento mais condizente com a realidade da pessoa, eles hierarquizam os sintomas objetivos e subjetivos, e

essa hierarquização (ou repertorização) é realizada, mais ou menos, de maneira intuitiva, já que os sintomas se referem à interpretação de um profissional que quase nunca teve experiência com abordagens do inconsciente, não estudou a consciência humana, as inúmeras teorias que vêm dos saberes de uma psicologia profunda, transpessoal, mítica, mesmo quando envolvem graus ou dimensões orgânicas presentes nas representações simbólicas. A organização hierárquica dos sintomas realizada pelos homeopatas deve convergir com a abrangência do remédio nas relações dos indivíduos, relações que não são estudadas, isto é, há um desconhecimento de como se tece o processo cultural com seus conflitos, ambigüidades, e os sintomas e relações são apenas percebidos ou captados pelos relatos fragmentados das pessoas nas consultas.

Na realidade, não há disciplinas antropológicas ou sociológicas nas instituições que ensinam Homeopatia. As representações simbólicas dos clientes são associadas às manifestações biológicas do organismo no interior de uma ordem causal que limita a análise a apenas duas dimensões: a natural e a psicológica. Ainda assim, é inegável o aumento da resistência do organismo tratado pela Homeopatia.

As diversas manifestações do espírito humano e as suas inúmeras formas de produzir a realidade da corporalidade, por intermédio de símbolos e metáforas, não são consideradas em sua profundidade num diagnóstico homeopático. Ainda assim, há um aumento da capacidade de ressonância no organismo tratado pela Homeopatia, que descorporifica processos. Em outras palavras, para que o ganho seja maior num tratamento homeopático, consideramos que a hierarquização dos sintomas feita pelos homeopatas necessita de mais reflexão, de mais aprofundamento, uma vez que é realizada com arte e intuição, e que não é padronizada por nenhum modelo cartesiano, mas no interior do imaginário do próprio homeopata que, no geral, são pessoas sensíveis.

Os sintomas físicos e emocionais, como entradas para um mundo de relações mais complexas, devem ser estudados associados às outras áreas do conhecimento (tais como a Antropologia, a Sociologia, a Psicanálise, a Física Quântica, a Ecologia); só assim elas contribuirão na busca pelo medicamento mais semelhante e para um conhecimento mais amplo da natureza humana. O desafio todo para a Homeopatia consiste em detectar a origem do sintoma para não realizar a supressão dele, como o faria o modelo biomédico. Contudo, olhando o sintoma sob o ângulo da holografia (o todo está presente nas partes), o macro está contido no micro, a entrada pelo sintoma não atingiria a totalidade? Parece-nos que a questão, então, seria a da direção do tratamento: que remédios, ritmos e fluxos devem ser mobilizados pela Homeopatia para descorporificar os processos? Numa causalidade ascendente? A energia não resolvida pode voltar a aparecer, sob forma de outro sintoma, ou outra patologia.

Tomemos como exemplo o depoimento de dois dos homeopatas de Piracicaba, quando relatavam o que a Homeopatia privilegia no diagnóstico e na cura:

*A Homeopatia trata o doente, ela vai privilegiar tudo, tanto o diagnóstico clínico, físico como os sintomas mentais. O que são os sintomas mentais? O afeto, o sentir, o fazer, o pensar da pessoa, a memória, o que ela faz... (informação verbal)*

Esse depoimento nos mostra a dualidade biológica e emocional privilegiadas na interpretação da doença. No depoimento deste outro homeopata, podemos notar os limites de uma repertorização feita sem diálogo com os outros saberes:

*A gente sempre tenta deixar de lado as impressões que a gente tem da pessoa... porque muitas vezes a gente começa a interpretar o que a pessoa fala, ou a gente sentiu que ela falou isso mas quis dizer aquele outro, você pode acabar interpretando erradamente... então sempre o que a gente faz mesmo é uma técnica, sempre tentando ver objetivamente o que está por trás daquilo, então o paciente vai se colocar e se ele verbalmente fala para nós, é um sintoma bem objetivo que a gente vai **repertorizar** depois... (informação verbal) (grifo nosso)*

Nesta fala, percebemos que o homeopata busca maneiras para amenizar a ausência de conhecimento sobre as indagações do espírito humano e sobre as metáforas e metonímias da corporalidade, que se expressam pelos sentidos simbólicos dos sintomas.

*Cada um vai ter um jeito de se expressar e às vezes essa subjetividade, essa coisa que é tão discreta, um consegue captar e outro não. Por isso que não é só você ler um livro de Homeopatia, você tem que estar com muita sensibilidade, amadurecido espiritualmente e profissionalmente para poder sentir essas nuances, essas subjetividades que às vezes diferencia um caso igual ao outro pelas particularidades, acho que é muito importante, o fundamental e o mais difícil, sentir essa subjetividade de cada um... (informação verbal)*

Nesse depoimento, o homeopata expôs a dificuldade ligada ao processo de interpretação da linguagem da corporalidade. Na próxima fala, da mente para as células, o homeopata nos mostra o caminho da doença:

*Para a Homeopatia é fundamental a subjetividade, é uma coisa que a gente lida muito mais do que qualquer outra especialidade médica. Porque o que acontece, às vezes a pessoa procura um determinado médico com uma sensação, eu não venho bem, eu não estou passando bem, e o médico examina fisicamente, pede uma série de exames laboratoriais, radiológicos e às vezes não encontra nada. Então ele vai falar, olha minha senhora você não está bem, mas clinicamente a gente não encontrou nada. Para a Homeopatia esse não se sentir bem é o grande momento que você tem que intervir e curar porque é nessa fase, digamos, você vai estar fazendo um diagnóstico mais precoce e uma intervenção mais precoce, porque é o momento que a pessoa não está bem, mas que não refletiu no organismo, nos órgãos, nas células daquele indivíduo. Ainda não tem nada alterado, mas se aquela sensação subjetiva de mal estar se perdurar por muito tempo, se ela voltar naquele mesmo médico*

*depois de seis meses, aí ela vai encontrar alguma alteração, algum exame alterado, algum exame clínico diferente, porque ela ficou muito tempo num estado de mal estar que deu tempo de surgir alguma alteração lesional, alguma alteração orgânica propriamente dita. Então esse aspecto subjetivo é muito importante de se avaliar, mas às vezes ele é difícil e talvez isso que seja um pouco complicado para a Homeopatia como ciência porque é difícil você tabular a subjetividade...* (informação verbal) (grifo nosso)

Sendo assim, acreditamos, realmente, que para repertorizar a sensibilidade humana a Homeopatia teria de se abrir para outros conhecimentos, para enriquecer dessa maneira o seu alcance epistemológico e amenizar o risco de patogenesias, que são doenças produzidas pela insistência no uso de um mesmo medicamento. Existe nesse aspecto a necessidade de se discutir a dificuldade em se estabelecer um limite entre o agravamento dos sintomas (provocado pelo efeito semelhante do remédio) e a patogenesia, discussão que seria multidimensional e vinculada a cada doente.

Cabe aqui ressaltar alguns fatores que influenciam os limites da homeopatia: projeção etnocêntrica de valores pessoais nos diagnósticos das consultas; dificuldade em acertar a medicação; desconhecimento das razões que levam o organismo intoxicado à não resposta; demora em buscar auxílio complementar nos recursos laboratoriais; desconhecimento das teorias psicológicas, entre outros.

De acordo com o conceito de *doença como experiência subjetiva (illness)*, vemos que as sensações e os sentimentos do mal-estar físico são traduzidos pela pessoa, que se encontra angustiada, sob a forma de uma memória posta em fala. Sabemos que estas traduções são construídas no imaginário da pessoa sendo então compostas de subjetividades, metáforas e metonímias que não são interpretadas nem pelos homeopatas e nem por médico algum (Langdon, 1995).

No setor da Biomedicina, o homeopata é considerado etnocentricamente, juntamente com o psiquiatra, um profissional inferior, devido ao preconceito em relação à doutrina Hahnemaniana; no entanto, as questões abertas pela Homeopatia não são respondidas pelo modelo biomédico, nem são trabalhadas nos meios acadêmicos da Medicina.

Situamos a atuação do homeopata relacionando-a à arte, à intuição, à bricolagem (Lévi-Strauss, 1970), diferente da anamnese técnica feita mecanicamente na consulta biomédica. Para fazer o diagnóstico, este profissional precisa elaborar em sua mente uma construção causal baseada na lógica da *conjunção constante* (Zémpléni, 1994), inserindo as representações no contexto da vida e das relações do paciente, para desse modo poder avaliar a eficácia do tratamento, uma vez que ele envolve, entre outros fatores, uma transformação nas interações do ser com seus mundos. De qualquer forma, este médico tem que estar atento às dimensões que não são importantes para os médicos cartesianos. O que questionamos neles é a qualidade com que fazem isso e os instrumentos de que dispõem, já que as consultas, geralmente, são rápidas, fragmentadas. Mas ainda assim, o ganho é extremamente grande, por ser de menor toxicidade ao organismo.

### As classificações e as funcionalidades

Que dimensões são abertas pela Homeopatia que não são levadas em conta pela Biomedicina? Como as relações entre a Homeopatia e o pensamento analógico nos abrem para um outro diálogo entre a identidade dos elementos em suas funções terapêuticas?

Uma questão já aberta por Lévi-Strauss (1970) em seu texto “Lógica das classificações totêmicas”, toca na relação causal que o pensamento tradicional evoca em relação à operacionalização dos elementos da natureza, nos revelando formas diferentes de classificação em contextos diferentes. Na Biologia, as classificações das plantas medicinais, por exemplo, são referentes às funções que elas exercem para a cura de ferimentos ou de doenças. Diferentemente, no pensamento analógico, as plantas possuem um significado muito mais profundo e não homogêneo do que as definições taxonômicas da biologia acadêmica, pautadas na detecção dos princípios ativos para serem traduzidos em cápsulas, a exemplo da etnomedicina, a corrente americana mais conhecida da Antropologia no tocante às doenças.

Entre os índios *navajos*, por exemplo, a forma com que eles classificam os animais e as plantas nos remetem a uma classificação do mundo:

Cada animal ou planta corresponde a um elemento natural, ele mesmo variável de acordo com os ritos de que se conhece a extrema complexidade entre os navajos. Assim, no ‘ritual da pedra lascada’ observam-se as seguintes correspondências: groucéu; ‘pássaro vermelho’-sol; águia-montanha; gavião-rochedo; (...) colibri-planta; um coleóptero-terra; garça-água (Lévi-Strauss, 1970, p. 55-56).

Em seu texto Lévi-Strauss demonstra a existência de muitas outras lógicas de orientação no pensamento tradicional, que envolve a definição ou a reconstrução de novas propriedades, identidades e imagens dos elementos naturais e dos socioculturais. Um animal, por exemplo, pode possuir uma classificação por gênero, por espécie, uma analogia com o cosmos, com a natureza, com a sociedade e com símbolos culturais (Lévi-Strauss, 1970).

O presente autor reconhece que este tipo de organização mental da realidade, própria de muitas sociedades não ocidentais, realiza um passeio pelas possibilidades da cognição humana de uma maneira não biunívoca, não linear e não objetiva. Segundo ele, estas associações não funcionais remontam aos significados culturais atribuídos a elas, que é muito heterogêneo e nos remete aos tempos mais remotos dos sábios povos da Antiguidade:

Os exemplos que citamos e os outros que lhes teríamos podido juntar testemunham a favor de um pensamento acostumado a todos os exercícios de especulação, próximo daquele dos naturalistas e herméticos da Antiguidade e da Idade Média: Galeno; Plínio; Hermes Trismegistro; Alberto, o Grande... (Lévi-Strauss, 1997, p. 58).

Estas importantes contribuições de Lévi-Strauss nos oferecem aberturas para a discussão da complexidade, da co-evolução das consciências universais na direção do infinito (Morin, 1997).

### A espiral da evolução do todo em direção ao infinito

Morin (1997) nos propõe uma outra forma de construir causalidades em suas conexões para a investigação e interpretação do mundo, que se insere na idéia de *circularidade ascendente*. Este conceito, quando transposto às conexões causais, faz um movimento circular com as causas e com os efeitos dos fenômenos, numa relação de produção de significados e de novas imagens:

Os indivíduos produzem a sociedade, mas, como dizíamos, a própria sociedade, ela mesma com sua cultura e linguagem, retroage sobre os indivíduos. Somos produtos e produtores ao mesmo tempo (Morin, 1997, p. 18).

A circularidade se situa exatamente nesse sentido de troca de lugares, por exemplo, entre criador e criatura, mas não no interior de um movimento circular fechado, em que um toma o lugar do outro. Morin (1997) chama atenção para o caráter produtivo desta relação, é um movimento espiral de evolução, de amadurecimento, que possibilita a inovação, o desenvolvimento cultural e a transformação das sociedades.

O pensamento complexo, para este autor, difere de uma causalidade biunívoca ingênua, que desconsidera a múltipla interação da realidade que desencadeia problemas novos, que pedem soluções pautadas em outras bases, como no caso do adoecimento humano. Nesse aspecto, quando Boff (1997) e Morin (1973) identificam a similar constituição de nosso corpo físico com a constituição do universo, eles estão nos mostrando que a nossa história, nossa consciência, nossa evolução caminham juntos com a evolução do planeta e do cosmos em expansão. As totalidades do ser, da sociedade, da natureza, do planeta e do universo conformam um todo enigmaticamente complexo e produtor de significados simbólicos, de mitos, que caminham em direção a um infinito integrado de criações e transformações.

Sendo assim, quando adoecemos, temos a oportunidade de nossa corporalidade se reorganizar no processo de cura numa circularidade ascendente de co-evolução, de organização da entropia que ocorre juntamente ao desenvolvimento do cosmos. A Homeopatia contribui para esse processo de maneira multidimensional e analógica. A doença deixaria, então, de ser um mal, para se tornar um percurso de transcendência.

## Referências

- ALMEIDA, M. C. Complexidade, do casulo à borboleta. In: CASTRO, G., CARVALHO, E. A. e ALMEIDA, M. C. (Org.). (1987). *Ensaio de complexidade*. Porto Alegre: Sulina.
- AMORIM, M. (2000). *Uma sincronicidade para cura*. Rio de Janeiro: Hipocampo.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FARMACÊUTICOS HOMEOPATAS. (1995). *Manual de normas técnicas para farmácia homeopática*. São Paulo.
- AUGÉ, M. (org.). (1974). *A construção do mundo*. São Paulo: Edições 70.
- BADIA, D. D. (1999). *Imaginário e ação cultural*. Londrina: UEL.
- BIOLCHINI, J. (1988). Práticas homeopáticas. *Ciência Hoje*. v.7, n.39.
- BIOLOGISCHE HEILMITTEL HEEL GMBH. (1999). *Terapia de rotina*. Madri: Edigrafos, S. A.
- BOFF, L. Identidade e complexidade. In: CASTRO, G., CARVALHO, E. A. e ALMEIDA, M. C. (Org.) (1997). *Ensaio de complexidade*. Porto Alegre: Sulina.
- BUCHILLET, D. (1991). A antropologia da doença e os sistemas oficiais de saúde. *Medicinas tradicionais e política de saúde na Amazônia*. Belém do Pará: CEJUP, MPEG/UEP.
- BURKHARD, G. (1987). *As forças zodiacais*. São Paulo: Antroposófica.
- CANESQUI, A. M. (org.). (2000). *Ciências sociais e saúde para o ensino médico*. São Paulo: Hucitec/ Fapesp.
- CANGUILHEM, G. (1982). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- CAPRA, F. (1982). *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix.
- CARDOSO, R. C. L. (org.). (1986). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CARLINI, E. L. (1988). A Uma abordagem científica da homeopatia. *Ciência Hoje*. v. 7, n. 39.
- \_\_\_\_\_. (1988). Descaminhos da alopatia. *Ciência Hoje*. v. 7, n. 39.
- CARVALHO, J. C. P. (1984). Energia, símbolo e magia: uma contribuição à antropologia do imaginário. São Paulo, 1984. (Tese Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. (1993). Epistemologia e antropologia do imaginário em G. Durand. In: *Semana de Filosofia*, Instituto de Filosofia, PUCCAMP. Campinas, mimeo.
- CASTRO, G.; CARVALHO, E. A. ; ALMEIDA, M. C. (Org.) (1997). *Ensaio de complexidade*. Porto Alegre: Sulina.
- CHAUÍ, M. (1995) *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática.
- COMISSÃO GULBENKIAN. (1996). *Para abrir as ciências sociais*. São Paulo: Cortez.
- DANTAS, F. (1982) *O que é homeopatia*. São Paulo: Brasiliense.
- DAÓLIO, J. (1994) *Da cultura do corpo*. Campinas: Papyrus.
- DETHLEFSEN, T. e DAHLKE, R. (1983). *A doença como caminho*. São Paulo: Cultrix.
- DURAND, G. (2002). *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1975). *Science de l'homme & tradition*. Paris: Tete de Feuilles.
- DURHAM, E. R. (1986). A pesquisa antropológica com populações Urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, R. C. L. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- DURKHEIM, E. (1970). Representações individuais e representações coletivas. *Sociologia e filosofia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- GERBER, R. (1999). *Medicina vibracional*. São Paulo: Cultrix.
- GODELIER, M. (1977). Horizontes da antropologia. Lisboa: Perspectivas do Homem.
- \_\_\_\_\_. (1981). *Godelier: antropologia*. In: CARVALHO, E. A. (org.). São Paulo: Ática.
- GREINER, F. (1994). *A alquimia*. São Paulo: Loyola.

- HAHNEMANN, S. (1984). *Exposição da doutrina homeopática ou organon da arte de curar*. São Paulo: Bernoit Mure.
- \_\_\_\_\_. (1984). *Doenças crônicas: sua natureza peculiar e sua cura homeopática*. São Paulo: Bernoit Mure.
- IBÁÑEZ, N., MARSIGLIA, R. (2000). Medicina e saúde: um enfoque histórico. In: CANESQUI, A. M. (org.). *Ciências sociais e saúde para o ensino médico*. São Paulo: Hucitec/Fapesp.
- KENT, J. T. (1993). *Filosofia homeopática*. Buenos Aires: Albatros.
- LALLEMAND, S. (1974). Cosmologia, Cosmogonia. In: AUGÉ, M. (org.). *A construção do mundo*. (Religião, Representações, Ideologia). São Paulo: Edições 70.
- LANDMANN, J. (1989). *As medicinas alternativas: mito, embuste ou ciência?* Rio de Janeiro: Guanabara.
- LANGDON, E. J. (1995). A doença como experiência: a construção da doença e seu desafio para a prática médica. Palestra oferecida na Conferência 30 Anos Xingu, Escola Paulista de Medicina, São Paulo.
- LAPLANTINE, F. (1991). *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes.
- LÉON, A. (2000). Ciências ocultas. *O velho e o novo em mil anos*. João Pessoa: Manufatura.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1970). *O pensamento selvagem*. Rio de Janeiro: Nacional.
- \_\_\_\_\_. (1996). A eficácia simbólica. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- \_\_\_\_\_. (1976). Natureza e cultura. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes.
- LUZ, T. M. (1996). *A arte de curar versus a ciência das doenças: história social da homeopatia no Brasil*. São Paulo: Dynamis.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna*. Rio de Janeiro: Campus.
- \_\_\_\_\_. (2000). Medicina e racionalidades médicas: estudo comparativo da medicina ocidental, contemporânea, homeopática, tradicional chinesa e ayurvédica. *Ciências sociais e saúde para o ensino médico*. In: CANESQUI, A. M. (org.). São Paulo: Hucitec/Fapesp.
- MANSUR, J. C. (2000). La unión cuerpo y alma desde el lenguaje analógico. In: XIV Congresso Interamericano de Filosofia, IX Congresso de la Asociación Filosófica de México, I Colóquio Internacional de Estética, México.
- MAUSS, M. A. (1974). *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, Edusp.
- MORIN, E. (1973). *O paradigma perdido*. Portugal: Publicações Europa-América.
- \_\_\_\_\_. (1970). *O homem e a morte*. Portugal: Publicações Europa-América.
- \_\_\_\_\_. (1997). Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, G.; CARVALHO, E. A.; ALMEIDA, M. C. (Org.) *Ensaio de complexidade*. Porto Alegre: Sulina.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez.
- NASSIF, R. G. (Org.). (1997). *Compêndio de homeopatia*. São Paulo: Robe Editorial.
- NOBRE, R. F. (2000). Racionalidade e tragédia cultural no pensamento de Max Weber. – *Tempo Social*, v. 12 (2). São Paulo: USP.
- NOVAES, R. L. (1989). *O tempo e a ordem: sobre a homeopatia*. São Paulo: Abrasco.
- O DESAFIO da depressão. (2003). *Época*, Rio de Janeiro, p. 50, n. 259, 5.
- OLIVEIRA, E. R. (1998). Representações sociais sobre doenças: os magos da ciência e os cientistas da magia. In: BOTAZZO, C.; FREITAS, S. F. T. (Org.) *Ciências sociais e saúde bucal: questões e perspectivas*. São Paulo: Edunesp; Bauru: Edusc.
- OLIVEIRA, R. C. (1979). *Mauss*. São Paulo: Ática.
- PERES, S. M. P. (1999). Homeopatia e pensamento mágico. (Monografia de conclusão de curso em ciências sociais - UNESP). Araraquara.
- PIERRAKOS, J. C. (1990). *Energética da essência*. São Paulo: Pensamento.

- ROSENBAUM, P. (1996). *Homeopatia e vitalismo. Um ensaio acerca da animação da vida*. São Paulo: Robe Editorial.
- \_\_\_\_\_. (1998). *Miasmas. Saúde e enfermidade na prática clínica homeopática*. São Paulo: Roca.
- SANANÉS, R. (1990). *Lenguaje del cuerpo y homeopatia*. Barcelona: Urano.
- SCHEMBRI, J. (1976). *Conheça a homeopatia*. Belo Horizonte: Comunicação.
- SONTAG, S. (1984). *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Graal.
- TARNAS, R. (1999). *A epopéia do pensamento ocidental. Para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- VICIADOS EM REMÉDIO. (2003). *Super interessante*, São Paulo, Edição 185.
- WILBER, K. (org.). (2001). *O paradigma holográfico e outros paradoxos*. São Paulo: Cultrix.
- ZÉMPLÉNI, A. (1994). A "Doença" e suas "Causas". *Cadernos de Campo*.
- ZOHAR, D. (1990). *O ser quântico*. São Paulo: Best Seller.

## RESUMO

*A homeopatia, o mana e a ratio hermética*

Este artigo discute a complexidade do adoecer humano por meio do pensamento homeopático nas suas relações com o pensamento analógico, na cidade de Piracicaba, interior paulista. Recorremos ao pensamento mágico, buscando compreender como ele é reinserido, paradoxalmente, no interior de uma especialização médica denominada Homeopatia, realizando-se, institucionalmente, nas universidades brasileiras.

**Palavras-chave:** Homeopatia; Biomedicina; Pensamento analógico

## ABSTRACT

*Homoeopathy, mana and ratio hermetica*

This work discusses the complexity of the human sickening process through homeopathic thinking in its relation to analogical thought in the city of Piracicaba, São Paulo. We turn to magical thinking in an attempt to understand how it is, paradoxically, reinserted in a medical specialization called Homoeopathy, institutionalized in Brazilian universities.

**Keywords:** Homoeopathy; Biomedicine; Analogical thinking

*Enviado para apreciação: julho de 2004*

*Aprovado para publicação: outubro de 2004*